

Adriana Lunardi – A vendedora de fósforos.

Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

Stefania Chiarelli¹

Três romances recentemente publicados têm em comum protagonistas que se debatem em crises muito próprias a um momento de transição entre a adolescência e a vida adulta: Vanja, de *Azul corvo* (2010), de Adriana Lisboa; o garoto judeu de *Diário da queda* (2011), de Michel Laub, e a narradora sem nome de *A vendedora de fósforos* (2011), de Adriana Lunardi. Em suas diversas faturas e rendimentos, os romances têm em comum o enfoque na adolescência, vivenciada na troca de escola, de cidade, de amigos. Os ritos de passagem, a solidão e o isolamento dessa etapa da vida vão revelando o percurso dos jovens e seus conflitos em família, entre outras coisas.

Ferozes em sua natureza contraditória, oscilando entre fragilidade e poder, ternura e perversão, estes indivíduos buscam referenciais em que possam refazer sua identidade, seja na forma da desterritorialização, marca do percurso de Vanja, seja pelo caminho da escrita, caso dos personagens de Laub e Lunardi. Nos dois últimos autores, a narrativa tematiza o processo de formação do personagem-escritor, que se volta para um passado conturbado de tensas relações familiares, apontado por uma das narradoras do romance de Lunardi: “a infância é a única coisa que não é provisória”. Como já sinalizara de forma consistente em *Vésperas* (2002), reunião de contos em que recria ficcionalmente os últimos momentos da vida de grandes escritoras, Lunardi se interessa em problematizar a própria literatura em seu caráter de repertório a ser acionado, biblioteca infinita em que cada leitor se perde e se encontra. Ao receber no Rio de Janeiro um telefonema informando que sua irmã fora novamente hospitalizada por tentativa de suicídio, uma das narradoras viaja de volta ao sul do país e acaba por se defrontar com dolorosas lembranças. Não à toa, o presente, para ela, equivale a uma biblioteca por arrumar.

“Mana é você ou eu?”, indaga uma irmã à outra na adolescência. O jogo de mãos que se sobrepõem revela a intensa simbiose da vida dessas pessoas. Desse nó parte o cerne da trama, que oferece ao leitor uma escrita cuja força reside no processo de indistinção de duas vozes narrativas. E na silenciosa disputa envolvendo a rivalidade fraterna. Quem fala, quem lê mais e melhor, quem muda o final das histórias. Quem desiste de escrever

¹ Professora Adjunta de Literatura Brasileira na Universidade Federal Fluminense (UFF), Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: stefania.techima@uol.com.br

e quem continua, quem silencia. Quem fuma, quem só faz a mímica. De quem é a história? Desse modo, o processo de construção da individualidade das personagens se dá pela negação da irmã, espelho que reflete e devolve imagens distorcidas. Morte, culpa e vingança compõem a teia de emoções na qual se enreda a família.

Nesse contexto, a fúria da palavra dá o tom: comparecem jogos verbais entre os membros do clã, assim como a escrita de cadernos e diários das meninas, a dedicação materna a serviços de caligrafia, a preferência paterna por decifrar palavras cruzadas. O ímpeto de nomear se impõe a cada um deles. Trata-se de um chamado, clamor do sangue, como se todos fizessem parte de um sistema, de uma família de leitores.

Não somente os personagens se encontram dedicados a tal jogo, como a própria escrita se volta para um diálogo com a tradição literária. Lunardi convoca a história homônima de Andersen, transformada de diversas formas na narrativa: ela tanto é a referência para o debate das irmãs sobre a possibilidade de alterar ou não o final das histórias, quanto personagem inspiradora de uma história em quadrinhos, espaço em que a angústia se transforma em humor.

Vale notar que o romance, em seus detalhes, enfoca uma certa classe média brasileira que raramente povoa as páginas de nossa ficção recente: a camada social que viaja para as Cataratas do Iguaçu, compra eletrônicos na fronteira, assiste à novela das seis, come macarrão com sardinha. Não se encontram aqui os excluídos da periferia, tampouco o estrangeiro de certas páginas de Bernardo Carvalho ou Milton Hatoum, ou o operariado do projeto ficcional de Ruffato, ou o encaminhamento do tema do nacional do último romance de Chico Buarque. Explora-se, sobretudo, o microcosmo do grupo familiar em toda sua instabilidade e perturbação, de um pai narcisista, que insiste em mudar de cidade a todo momento, e de uma mãe a disfarçar sua angústia tomando goles da coca-cola batizada de uísque e remédios para emagrecer: “A balsa dos Anjos sempre fora frágil”, conclui a narradora acerca de sua família.

Para escapar da hostilidade do mundo, as irmãs, a seu modo, refugiam-se na leitura, configurando o que Ricardo Piglia chama de leitor viciado, aquele que não consegue deixar de ler, pois, segundo o crítico argentino, a leitura para tais indivíduos não é apenas uma prática, mas uma forma de vida. Um livro pode ajudar a reconstruir o mundo que desmoronou, afirma Piglia. Desse modo, enquanto as inevitáveis perdas da vida se sucedem, as personagens encontram abrigo em meio às páginas dos livros: na duplicidade entre o real e a fantasia, infância e juventude,

família e mundo exterior, terão de encontrar seu lugar e, acima de tudo, sua própria voz.